

**A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO RURAL:
O USO DO ÁLCOOL E OS DESVARIOS DO PODER VARONIL**

**VIOLENCE AGAINST WOMEN IN RURAL:
THE USE OF ALCOHOL AND THE VARIATION OF MANLY POWER**

Alexandra Lopes da Costa¹

Recebido em 06/07/2023; revisado em 16/02/2023; aceito em 31/08/2023.

Resumo: Este artigo é parte de minha dissertação de mestrado e discute o fenômeno da violência contra as mulheres com e sem o uso da bebida alcoólica por homens em um assentamento de reforma agrária chamado Bebedouro, situado na zona rural do município de Nova Alvorada, no Mato Grosso do Sul (MS). Os procedimentos metodológicos foram realizados com trabalho de campo etnográfico e a história oral utilizando-se da técnica de entrevistas. As considerações da pesquisa refletem que o uso do álcool não pode ser entendido fora do contexto sociocultural em que é exercido, assim como a educação de gênero e os valores associados ao feminino e ao masculino que interferem na composição do machismo e das práticas de violência contra o público feminino.

Palavras-chave: violência contra as mulheres; bebida alcoólica; reforma agrária.

Abstract: This article is part of my master's dissertation and discusses the phenomenon of violence against women with and without the use of alcoholic beverages by men in an agrarian reform settlement called Bebedouro, located in the rural area of the municipality of Nova Alvorada (MS). The methodological procedures were done with ethnographic field work and oral history using the interview technique. The research considerations reflect that the use of alcohol cannot be understood outside the socio-cultural context in which it is exercised, as well as gender education and the values associated with the female and male that interfere in the composition of male chauvinism and practices of violence against female audience.

Keywords: violence against women; beverage alcohol; agrarian reform.

Este estudo trata da violência contra a mulher no campo sob a lógica da ingestão da bebida alcoólica pelo homem, mas também sem o uso do álcool. A pesquisa se passou no Bebedouro, assentamento rural do Estado do Mato Grosso do Sul, localizado à 30 Km do município de Nova Alvorada do Sul, região sul do Estado, onde residem 120 famílias

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), especialista em Dependências Químicas pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP) e Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Possui formação complementar em Direitos Humanos pelo Programa de Incentivo à Produção Acadêmica em Direitos Humanos da Sur, Revista Internacional de Direitos Humanos (Qualis Capes A2), promovido pela Fundação Carlos Chagas e a Conectas Direitos Humanos. E-mail: alexasociais3@gmail.com.

organizadas pela Fetagri/MS, Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Mato Grosso do Sul, com população estimada em mais de 400 pessoas.

O consumo de substâncias psicoativas por homens do Bebedouro, particularmente das bebidas alcoólicas e as associações discursivas que reduzem o problema da violência de gênero ao álcool ingerido pelo parceiro compôs a problemática que levou à realização deste trabalho. O consumo da cachaça, o fumo de corda, as rodas de tereré e outras bebidas alcoólicas são costumes típicos da população sul-mato-grossense e muito apreciados na zona rural, constituindo algumas das substâncias psicoativas mais difundidas entre o público masculino nos assentamentos rurais, regiões do Mato Grosso do Sul onde pouco se conhece a respeito da violência doméstica e familiar contra a mulher, sua extensão e profundidade.

Compreendendo esta falta de dados amplos, a pesquisa buscou explorar a questão do uso do álcool por homens, das relações de poder entre os sexos e dos comportamentos inscritos em códigos culturais que geram a violência varonil sobre o corpo feminino. As dimensões da territorialidade entranhadas com a cultura de gênero existente no assentamento rural Bebedouro constroem especificidades aos perfis dos homens em suas relações com as mulheres. Desse modo, a pesquisa primou por analisar o cenário sócio-cultural do consumo de substâncias psicoativas, especialmente de natureza etílica, por homens e as relações com atos de violência contra as mulheres no assentamento de reforma agrária Bebedouro sob a ótica da categoria de gênero. Mas, também, identificou casos de violência doméstica e familiar contra a mulher sem a utilização da bebida alcoólica ou de qualquer outra substância psicoativa.

É preciso dizer ainda que o foco da pesquisa não tratou das análises bioquímicas e fisiológicas da ingestão do álcool no organismo humano. Embora se considere os fatores químicos das bebidas etílicas como elementos que possam contribuir para a questão pesquisada, se compreende que não devem ser lidos de maneira isolada do contexto sociocultural em que ocorrem e nem justificar os atos de agressão masculina.

Os procedimentos metodológicos foram alicerçados no trabalho de campo com observação participante e a tessitura de entrevistas no bojo da História Oral. Em suma, a proposta buscou desvendar os bastidores das relações de gênero no território do assentamento Bebedouro, o consumo das bebidas alcoólicas e as associações com práticas de violência contra as mulheres identificando os valores sócio-culturais que justifiquem os comportamentos de agressão masculina sobre o público feminino.

A pesquisa considerou que o uso do álcool sofre a influência das convenções de gênero e do sistema de crenças existentes no espaço do assentamento Bebedouro, também influenciado pelas ideias pré-concebidas sobre os homens serem mais afetos ao uso do álcool e a cultura da embriaguez com os amigos de copo, bem como “naturalmente” mais violentos do que o sexo oposto. Na parte seguinte do texto busco descrever as questões conceituais deste estudo em relação às substâncias psicoativas para tratar, nas próximas seções, de aspectos ligados à composição do assentamento Bebedouro evidenciando as formas de trabalho de homens e mulheres e suas relações com a terra, os valores de gênero e a violência.

A questão das drogas e o consumo do álcool

Na época de elaboração do projeto de pesquisa do mestrado havia entrado em contato com matérias jornalísticas que informam sobre moradores do Bebedouro presos por tráfico de drogas, porte de armas e munições. Além disso, outras fontes consultadas relataram sobre o fato do consumo das drogas ilegais também ocorrer no espaço dos assentamentos rurais, que, em alguns casos, também servia como cativo de pessoas sequestradas e esconderijo a traficantes provindos dos grandes centros urbanos.

Como não conhecia a área e o grupo a ser pesquisado não delimito previamente o foco nas bebidas alcoólicas, contudo esta foi uma exigência que se fez com o desenvolvimento da investigação. A análise sobre o uso dos psicoativos etílicos está embasada na perspectiva anti-proibicionista dos estudos sobre drogas. Entendendo que as bebidas alcoólicas integram o rol das substâncias psicoativas, teceremos algumas considerações gerais acerca dessa questão para elucidar o quadro conceitual desse estudo.

O significado do termo científico drogas é amplo e requer conceituações. Droga é uma palavra empregada na linguagem teórica-científica para indicar substâncias que não são ingeridas e armazenadas pelo corpo como os alimentos, mas capazes de provocar reações psíquicas e somáticas em níveis e graus variados com qualidades distintas, mesmo em doses pequenas, como a cerveja, os medicamentos, a maconha, a cocaína, o café, entre outras capazes de alterar a consciência.

As palavras substâncias psicoativas ou psicotrópicas ou psico químicas também são usadas como sinônimo do termo drogas servindo para diminuir a carga moral e negativa que

o termo drogas desperta. De acordo com o antropólogo Edward Macrae², a partir das explicações de Cordato: na atualidade os estudiosos analisam a questão das drogas a partir de ângulos variados que os conceitos de substâncias psicoativas ou psicotrópicas tornam possíveis compreender.

Drogas, são, assim, um conjunto de substâncias capazes de provocar alterações no sistema nervoso central afetando as percepções, o humor, as sensações, induzindo ao prazer e a euforia, ao sono, ao entorpecimento, etc. (CORDATO, 1988 apud MACRAE). Esta definição envolve tanto as substâncias ilícitas como a heroína e o crack, mais relacionadas aos segmentos marginalizados, quanto às bebidas alcoólicas, a erva-mate, a coca-cola e o tabaco, entre outras que são legalizadas.

Diante dessa complexidade em estabelecer critérios simples e precisos, pesquisadores destacam a necessidade de compreender outros aspectos além das características estritamente farmacológicas das drogas. Diversos estudiosos, entre eles podemos citar Bucher (1991), Macrae & SIMÕES (2004), Velho (1999), são enfáticos ao afirmar que as intensidades, efeitos e reações acarretadas pelo uso de substâncias psicoativas são extremamente diversas e variáveis e dependem de múltiplos fatores, tais como, as características farmacológicas da droga, a quantidade e a forma de utilização (aspirada, injetada, fumada, etc), a personalidade do consumidor, seu estado emocional e físico no momento do uso, os significados e expectativas quanto aos efeitos, as circunstância onde o consumo ocorreu, às companhias, o cenário, o contexto de uso.

De acordo com Macrae³, Bucher afirma que não existe droga à princípio. Isso porque são as interações entre as atividades simbólicas e as motivações do indivíduo que fazem um psicoativo se tornar uma droga. Ou seja, a substância química se transforma em droga, provocando dependência, dentro de um contexto específico de relação entre atividade simbólica e ambiente. Apesar dessas definições mais profundas, persistem as explicações simplórias e os juízos de valor, como se as “drogas”, que em geral derivam de plantas, fossem substâncias por si mesmas poderosamente mortais, um estímulo à violência e um perigo à paz da sociedade (SIMÕES, 2008). O problema, assim, não estaria no uso que delas se faz.

² MACRAE, E. A subcultura da droga e prevenção. Disponível em: www.neip.info/upd_blob/0000/12.pdf. Último acesso em: 10 set. 2010.

³ Idem.

Afinal, se constata a ingestão antecipada de bebidas alcoólicas em inúmeros casos envolvendo acidentes de trânsito, brigas e o próprio fenômeno da violência doméstica e familiar contra as mulheres, entretanto, o consumo de psicoativos étlicos nem sempre se reveste de efeitos negativos. Estas são também substâncias que convidam à sociabilidade, presentes em festividades, celebrações, comemorações, sendo capazes de provocar sensações de deleite, prazer, bem-estar e relaxamento (SIMÕES, 2008). E a violência associada às drogas nem sempre existiu.

Além disso, Bucher (1991) explica que nem sempre a droga constituiu um problema para a humanidade. Segundo Bucher (1991) é a partir do século XIX que a história das drogas passa a representar a história de um problema, pois é nessa época que a utilização de substâncias psicoativas separa-se dos ritos, costumes e controles informais de uso, passando a serem oferecidas, distribuídas e reguladas pela lógica capitalista do mercado, movido pela ideia do lucro. Em consequência disso, o consumo de psicoativos, organizado e reconhecido como expressão dos próprios valores da sociedade, logo percebidos como inerentes e necessários à vida social, gradativamente muda de contornos (BUCHER, 1991).

No âmbito da violência doméstica e familiar contra a mulher, estudiosas são enfáticas ao afirmar: o uso da bebida alcoólica e outras drogas mesmo estando presente numa série de situações em que as agressões ocorrem, não são a raiz do problema (MINAYO; DESLANDES, 1998; SOARES, 2005).

Divisão social do espaço e o problema da violência

O dia 23 de abril de 2004, aparentemente sem significado algum para qualquer cidadã e cidadão sul-mato-grossense, marca indelevelmente a memória coletiva de cento e vinte famílias desenraizadas, acampadas há vários anos embaixo de lonas pretas, frágeis cabanas, barracos, choupanas e casebres mal ajambrados em beiras de estradas e porções de terra e diversas regiões do Mato Grosso do Sul.

Depois de uma longa, heterogênea e tortuosa trajetória de migração repleta de pedregulhos e desafios em busca de um pedaço de chão para fincar o pé, abrigar a família, trabalhar, alimentar a alma e a barriga, homens e mulheres simples, jovens, adultos, idosos e crianças do povo comemoram a notícia que lhes saciará a sede de existência.

A Fazenda Bebedouro, uma área improdutivo de 1.426,3318 hectares, após intensas mobilizações havia sido, finalmente, transformada em assentamento rural pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Era preciso bradar vitória, pois o histórico de andanças chegava ao fim. Despontava uma aurora de alegria e paz sob o abrigo de um campo a céu aberto para produzir, descansar e revigorar os verdes sonhos, porém, anunciando desafios, tempestades, barreiras e trilhas inóspitas a serem desbravadas na composição material e simbólica de um espaço que ainda necessitava ser construído.

Embora criado em 2004, a região do Assentamento Rural Bebedouro foi ocupada por famílias sem terra vinculadas à Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Mato Grosso do Sul, a FETAGRI/MS, organização que congrega sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais, bem antes dessa época.

O antigo proprietário da Fazenda Bebedouro, localizada no município de Nova Alvorada do Sul, tentou implantar uma produção diversificada com ênfase na produção leiteira e no plantio de lavouras e hortaliças pelo extenso horizonte de terra vermelha. Porém, não obteve sucesso e a área com o tempo foi descuidada e acabou abandonada e logo foi vista como uma terra para reforma agrária.

No Bebedouro, cada família possui 9,8 hectares de terra útil, excluindo-se a quantia determinada por lei para a reserva ambiental. Os lotes são divididos em dois espaços, um pedaço de três hectares é destinado à construção das moradias e 6,8 ha é reservado para a produção grupal numa grande área distante da região das casas que contém a soma dos 6,8 ha de terra de cada família. Mas a área societária de trabalho ao invés de aproximar tem provocado inúmeras discórdias entre a população assentada por envolver a criação de gado em conjunto, com gado que some, que pula cerca, com homem que trabalha e homem que folga, etc.

A geografia espacial do Bebedouro é desenhada a partir dos sítios familiares, pequenas porções de terra de três hectares onde se situam as residências. Ao redor da casa, as famílias possuem a liberdade de escolher as atividades a serem desenvolvidas, sendo em geral o local do cultivo de subsistência, dos pomares, hortas, árvores frutíferas e criação dos animais domésticos de pequeno e médio porte, como papagaios, cachorros, porcos, gatos e galinhas. Algumas famílias também optam pela criação de vaca leiteira ou pecuária de corte nesse espaço. Mas, devido à limitação da área de pastagem, cabem poucas reses no território da chácara. Distante dali está localizado o conjunto dos lotes destinado à produção grupal

para geração de renda das famílias, servindo também como complemento às atividades do sítio. Este grande espaço de terra compõe o que é denominado pelos assentados como área coletiva de produção e oficialmente definido pelo governo federal por área societária. Ele é formado pela soma de um pouco mais de 6 ha. outorgados a cada família pela reforma agrária.

As casas são simples, humildes e rústicas e quase todas estão inacabadas. Diversas moradias estão com tijolo aparente, não possuem reboco de cimento e forros no teto, deixando à mostra a fiação elétrica e carecem do retoque do acabamento final. Nas varandas ou cozinhas é comum a existência de um fogão de lenha e uma mesa de refeições. Muitos móveis aparentam desgaste do tempo, na sala, estátuas e imagens de santos, flores de plástico, sofás velhos e uma televisão sinalizam o lugar de entretenimento da família.

No ritmo diário do assentamento, o lar é o espaço de abrigo e circulação da família associado às mulheres. São elas as responsáveis pelos afazeres domésticos e o cuidado dos filhos e maridos. Isso não significa que os homens não possam eventualmente realizar alguma função tipicamente feminina, mas é rara essa situação. O cultivo do sítio também é comumente conferido às mulheres, enquanto a população masculina se dirige ao trabalho no lote coletivo ou na labuta fora do assentamento.

E apesar de nenhum homem ter afirmado a prática da violência contra as mulheres associada ou sem relação com o consumo do álcool e outras drogas, seus depoimentos evidenciaram uma preocupação constante com o mundo do trabalho, com as dificuldades de sobrevivência e permanência na terra, revelaram sentimentos de frustração e insatisfação ocasionados pelas promessas que não foram cumpridas pelo governo e a divisão espacial do território, especialmente sobre o lote coletivo de trabalho. As práticas de agressão masculina apareceram, assim, nos relatos das mulheres.

Os entrevistados também falaram das brigas masculinas nas festas, muitas das quais, desencadeadas por conflitos e desaforos mal resolvidos relacionados ao lote coletivo, que eclodiram sob o ânimo da bebida alcoólica. E muitas narrativas expressaram alta conotação moral dirigida ao ambiente dos bares e aos homens que os frequentam, marcados por estigmas, do qual trata Goffman (2004). No Bebedouro, “*quem fofocam são os homens*” proferiram muitos assentados, indicando os bares como espaços privilegiados de conversas sobre a vida alheia. Por outro lado, nas observações e entrevistas realizadas nos bares foi possível detectar uma preocupação evidente com o trabalho e a sobrevivência, assuntos constantes das conversas travadas nesses ambientes.

No ambiente dos bares os homens também tecem solidariedades entre eles e tem na conversa, no bilhar, no baralho, no tereré e na bebida o entretenimento após o trabalho, nos intervalos da jornada ou mesmo em outros períodos do dia. O ponto de encontro masculino também é local para rede de contatos comerciais, pois é sempre o lugar procurado para saber quem tem produtos para vender, trocar, animais e até mesmo busca de mão de obra ou o conselho para fechar o negócio, além de casos de pessoas que passam pelo estabelecimento para encontrar apenas uma companhia.

No entanto, reitera-se que foi possível observar pessoas consumindo bebida alcoólica em diversas faixas de horário quando a maioria dos homens estava trabalhando. São nas entrevistas com o sexo feminino que as histórias de violência doméstica e familiar contra as mulheres despontam, sejam associadas aos efeitos da ingestão do álcool ou sem o uso de qualquer bebida etílica. O contexto das entrevistas ensejou uma diversidade de situações, com a presença dos cônjuges, com ou sem a presença dos filhos, junto a um parente, vizinho ou colega de trabalho e sozinhas.

O assentamento Bebedouro é um espaço que demonstra os ruídos das relações de gênero do passado na contemporaneidade. O território da casa é uma esfera considerada feminina. As mulheres ainda são responsáveis pelo lar, zelo na criação dos filhos, alimentação da família, limpeza da casa e roupas e outras tarefas da rotina de um lar. Mais ainda, elas executam os ofícios braçais do sítio, como ordenha, plantação e coleta de alimentos e criação de pequenos animais, atividades vinculadas aos homens. No entanto, elas não são reconhecidas como trabalhadoras.

Apesar da distância no tempo e espaço foi possível identificar a presença do domínio masculino em muitos lares na região do Bebedouro, mesmo com a moradia sendo um espaço considerado feminino pela população assentada. A prevalência do poder masculino no assentamento pôde ser notada em diversas circunstâncias, envolvendo a participação política nas reuniões da associação dos moradores ou no tocante a própria liberdade de movimentação no espaço, bem como no conteúdo das conversas nos bares, no reconhecimento da identidade de trabalhadores ou na autoridade conferida ao chefe de família. Mas também apareceu nas atitudes enérgicas de comando no interior de algumas famílias, no fenômeno da violência doméstica e nas tentativas de controle da liberdade de ir e vir das mulheres. Algumas foram impedidas pelos maridos de sair de casa sem permissão,

frequentar a escola e até mesmo as igrejas. No entanto, vislumbrou-se a existência de processos de resistência e subversão feminina da opressão masculina.

No cerne das fronteiras de gênero, o território dos bares existentes dentro do Bebedouro é eminentemente masculino e o consumo dos psicoativos, principalmente das bebidas alcoólicas, é um ato comum do cotidiano compartilhado entre muitos homens. As formas de dominação, das mais sutis às violentas, serão apresentadas neste trabalho com base na pesquisa de campo. A aceitação social do consumo de psicoativos difere enormemente para homens e mulheres acompanhando os valores, códigos, representações de gênero e as normas culturais dos povos, grupos e sociedades.

Seja no território do Bebedouro ou em outras localidades, o consumo de psicoativos faz parte das tecnologias do corpo, disciplinas pedagógicas e moralidades atribuídas aos gêneros intersectadas as condicionalidades de classe, raça, orientação sexual e geração. Em termos gerais, a população masculina desfrutou de uma liberdade maior em diversos momentos da história ocidental se comparada às mulheres, domesticadas para a vivência do maternalismo como destino na esfera privada do lar, muitas vezes, restritiva dos prazeres, êxtases filosóficos e dos vãos de si experimentados pelo uso de psicoativos. A realidade do assentamento estudado, não difere dessa imposição masculina sobre as mulheres.

A violência doméstica e o público feminino

O fenômeno da violência contra as mulheres ocorre em todo o planeta, independente do nível social, diferenciando-se de outras modalidades de agressão pelo fato do ato ser fundamentado com base no gênero e perpetrado na maioria das vezes por homens conhecidos da vítima, que além de provocar sofrimento em muitos casos resulta em morte.

No Brasil, a realidade da violência doméstica e familiar contra as mulheres do campo ainda é um tema silenciado e pouco explorado no interior da academia. De acordo com Daron (2011) faltam pesquisas com profundidade analítica, quantitativas e qualitativas que ofereçam informações estatísticas e as dimensões culturais que cercam a violência perpetrada contra as mulheres nos meios rurais do campo e da floresta. Em contrapartida, as evidências aparecem nos relatórios, relatos de vida, levantamentos, confidências, biografias, denúncias, oficinas e reivindicações dos movimentos de mulheres e outras organizações populares que fazem ações direcionadas às mulheres e atuam em defesa dos direitos dessa população.

Neste contexto, Daron (2011) explica que não é possível analisar a violência doméstica e familiar nos espaços dos campos e florestas brasileiros descolada de um contexto mais amplo e das especificidades culturais de cada localidade e região.

Socorro, mais uma protagonista da pesquisa, tem problema no coração, passa por acompanhamento médico periódico e se submete a exames quando vai a Dourados, prosseguindo a administração de medicamentos em casa. Ela trata as dores da coluna vertebral em Nova Alvorada. O marido sofre com diabetes e tem hanseníase. “O homem que era gordo, tá aí só a carcaça, magro”, compara a esposa salientando que o marido estivera internado dias antes da entrevista. Mas o sofrimento e as dores mais fortes de Socorro ocorreram com as lesões e fraturas decorrentes de ocasiões em que o casal brigou. “Coisa mais terrível que ele fez foi o dia em que ele me batia e quebrou minha costela. Eu fiquei sofrendo por mais de três meses. Isso aí me magoa muito, eu tenho tudo guardado. Fica no peito. A gente não esquece. Você vê com a pessoa, mas você não esquece” (Socorro, Fev. 2012). Apesar desse episódio ter ocorrido há dez anos antes de morar no Bebedouro, a assentada descreve com detalhes a violência sofrida:

“Ele chegou tão doido em casa que ele chegou e rolava no chão e catava grama [com a boca]. Ficava com os dentes parecia que tava comendo milho. O vidro, ele quebrava e mastigava. Vidro. Mastigava vidro. Aí eu só rezava, só rezava. Aí eu não sei o que eu fui pegar no quarto. Aí ele me pegou pelos cabelos. Puxou os cabelos. Eu tinha um cabelão e ficou com um monte de cabelo na mão. Aí foi quando ele pegou minha cabeça e bateu minha cabeça no chão e o soco que ele deu na minha costela trincou duas costelas” (Socorro, Fev. 2012).

Mesmo ferida e sentindo fortes dores, Socorro conseguiu fugir de casa com os filhos para a casa da vizinha, onde dormiu naquela noite após contar o ocorrido para a família que a abrigou. No dia seguinte, ela foi à delegacia para prestar queixa contra o marido. Mesmo com a possibilidade do flagrante, visto que as marcas eram evidentes e ainda não havia decorrido 24 horas do crime, o marido não foi preso. “... [Ele] não chegou a ir preso não. Mas aí na hora que foi pro Fórum, o homem no Fórum falou que, no dia que ele relasse a mão em mim, não ia ficar só naquilo mais não. Aí desses tempos pra cá nunca mais ele me bateu. E depois, os filhos cresceu também” (Socorro, Fev. 2012).

Outra violência física praticada pelo marido e denunciada por ela, também recebeu a omissão da polícia. “Ele torceu esse dedo meu aqui que ficou preto igual um carvão. Ele

ficou torto ó! É torto! Aí minha irmã falou: não. Tem que dar parte”. Aí eu fui lá, acho que era essa Maria da Penha mesmo. Daí nós foi lá e ficou por isso mesmo. Não foi preso, não foi nada não” (Socorro, Fev. 2012). As denúncias e a punição para o marido ficaram apenas na ameaça, mesmo assim, ele tentou se comportar para evitar novos problemas. A entrevistada sempre vincula os atos violentos com o consumo exagerado de bebidas alcoólicas pelo marido.

Ela retrata que o marido reduziu o consumo de bebida durante os últimos anos. “Mas antigamente bebia. Minha Nossa Senhora! Passava a semana inteira bebendo”. Durante a entrevista, Socorro sugere a proibição de bebidas alcoólicas no assentamento, medida sempre rogada à interseção divina em suas orações.

Filha de Ermelinda, Flaviana demonstra o mesmo pensamento da mãe sobre o consumo de bebidas na região e o surgimento de casos de violência, mas se mostrou reticente e constrangida em falar abertamente sobre a violência sofrida⁴.

“Eu acho que a violência contra a mulher ocorre por falta de Deus e desemprego. Acho que a bebida pode levar a muita coisa, gera a violência. A pessoa bebe não sabe o que tá fazendo, o álcool tá tomando conta... Meu marido bebe quase todo dia. Daí ele fica machão querendo brigar. Quando ele tá bêbado ele enche o saco. Grita, fica bravo, reclama da comida, gasta o dinheiro das compras. Mas tudo é a bebida” (Flaviana, Fev. 2012).

Rita⁵, uma de minhas entrevistadas, expõe elementos que colaboram para entender o universo da opressão, da violência de gênero e dominação masculina na atmosfera do assentamento. Para ela os casos de machismo envolvendo as tentativas de controlar a mulher, da necessidade de permissão do marido para sair de casa, dificultando, coagindo, impondo limites ou proibindo a livre circulação no espaço são características presentes em muitas famílias do Bebedouro.

Ao impactarem negativamente na autoestima, a violência psicológica, o destrato e as desqualificações do feminino aprisionam os corpos e mentes na subordinação da servidão voluntária, corroendo a autodeterminação, patrocinando e perpetuando o suposto

⁴ Sobre esse assunto consultar COSTA, A. L. Dominação masculina, meandros étlicos e vias de fato: retratos da violência contra a mulher no campo, Florianópolis. In Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, 13º Mundo de Mulheres, 2017. Disponível nos anais eletrônicos: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499918748_ARQUIVO_fazendogenero2017.pdf. Consultado em: 16 Dez. 2022.

⁵ Todas as pessoas entrevistadas tiveram seus nomes trocados por pseudônimos para preservar sua identidade.

consentimento da submissão das mulheres. Conforme Rita, uma das entrevistadas deste trabalho,

“Os casos de machismo têm muito, de desvalorização da mulher, dos xingamentos, humilhações, de controlar a mulher. Na verdade, o pessoal da zona rural eles não estão preparados para serem diferente. A criação que eles tiveram é bem antiga. É daquele tipo que a mulher é submissa ao marido. Aonde vai tem que pedir permissão, não é comunicar. Você comunicar o marido que está indo é uma coisa, agora você pedir é outra. Aqui há casos em que a mulher precisa pedir ao marido para pode ir a algum lugar, ir à reunião” (Rita, Jan. 2011).

A misoginia, os desequilíbrios de gênero e a desvalorização do feminino, suas diferenças, similitudes e especificidades, são aspectos arraigados na história e cultura dos povos há milênios. O peso da cultura na formação da mentalidade do homem do campo é lembrado por Rita como um elemento fulcral na produção do machismo, que também opera na construção de sujeitos dos extratos populares e demais segmentos de homens.

“Não culpo as pessoas, porque aqui elas não tem uma palestra. Não há um trabalho com eles e muitas vezes acham ruim o que ouvem nas palestras. Foram criados assim, e tem pouco estudo também. As mulheres costumam ter mais estudo, mesmo com a dificuldade dos maridos elas vem”. (Rita Jan. 2011).

O legado dos antigos modelos de educação e da criação familiar das gerações passadas não preparou a população, especialmente a masculina, para a adoção de condutas mais equânimes do ponto de vista do gênero, reflete a narrativa de Rita. O relato da liderança, que trabalha no colégio do Bebedouro, coloca em evidência a dificuldade de desconstrução dos valores misóginos através da educação, pois além de palestras nesse sentido serem escassas surtem pouco efeito na população masculina e costumam até mesmo provocar reações extremadas de raiva, inconformismo e outros sentimentos que, na minha opinião, refletem a insegurança de inúmeros homens, e, no fundo, espelham a tentativa de afirmar o poderio masculino.

Esta questão reflete os desafios do desenvolvimento de oficinas, campanhas e outras ações educativas com foco na construção de novas relações de gênero e no enfrentamento da violência sexista para o público de homens. Esses desafios são maiores ainda quando se referem às masculinidades rurais, devido à falta de pesquisas junto a esses grupos que possam oferecer informações sobre a cultura, os valores, significados do que é “ser homem”

e os estilos de vida, subsídios que auxiliam na elaboração de metodologias de intervenção inovadoras e adaptadas às diferentes realidades.

Outro ponto crítico da dominação masculina no Bebedouro referente ao controle do corpo e mente das mulheres fica patente nos empecilhos e proibições à capacitação e educação formal feminina. Muitos homens no Bebedouro impedem suas esposas de frequentarem a escola, seja para se alfabetizarem ou darem continuidade aos estudos.

Joana é uma dessas mulheres, ela teve a vontade de potência roubada. Roubada porque o antigo desejo de estudar já não existe. Joana incorporou o discurso do marido reproduzindo os motivos pelos quais não deveria matricular-se no colégio como uma espécie de autoconvencimento e justificativa a si mesma e aos demais. Outras mulheres têm o crescimento pessoal e o desenvolvimento intelectual bloqueados ao terem o direito à educação violado pelo veto masculino do parceiro amoroso.

Chartier (1995) relembra que o consentimento é um ponto fundamental para o triunfo de um sistema de poder. Invocando lições de Bourdieu (1995), o historiador sublinha que a eficácia da dominação pelos dispositivos de poder só se realiza mediante a aceitação de quem o sofre, explicando que esse mecanismo de submissão é gestado a partir de um esquema de predisposição inculcado através de um aprendizado anterior.

Nas palavras de Bourdieu (1995, p. 59), “a submissão à ordem estabelecida garantida pelo acordo imediato entre as estruturas objetivadas e as estruturas cognitivas nada tem de um consentimento consciente, de uma adesão electiva; é um reconhecimento prático, tácito, infraverbal [...]”, que pode se exprimir através da linguagem corporal, por exemplo, de reações como o desejo e o corar do rosto típico da timidez.

No entanto, Chartier (2005) observa que tal submissão não exclui a possibilidade de subversões e desvios da dominação introjetada. Quando entrevistei Joana ela estava com visita em casa. Marialva, sua amiga, estava deitada numa rede na varanda e as duas conversavam preguiçosamente após o almoço, no mormaço de um dia abafado pelo tórrido verão no cerrado.

Mais além, no lote era possível avistar Honório, marido da dona da casa, que roçava a terra sob o sol escaldante num céu de alvas nuvens densas que anunciavam chuva, acompanhado por Chico, filho de um amigo do casal. Em determinado momento da entrevista indaguei a Joana e Marialva se conheciam histórias de mulheres nas quais o

marido as controlava de alguma forma, impedindo de sair de casa sem permissão, proibindo o uso da roupa curta e até mesmo de ir à escola.

A resposta das duas foi uma demorada gargalhada acompanhada de entre olhares denotadores da familiaridade com a situação e certa cumplicidade entre elas. “Nós duas já fomos proibidas de usar roupa curta”, exclamou Marialva. Essa protagonista falou que o atual namorado só a deixa vestir roupa curta dentro de casa e que ele “diz pra não beber, não fumar. Isso a gente acha bom, tá fazendo o bem. Mas a gente bebe de vez em quando uma caipirinha”. Já Joana informou que em relação às vestimentas o marido não é muito de controlar e como ela não gosta de usar nada que exponha o corpo, não se incomoda. Entretanto, em relação aos estudos ele “não queria e não quer deixar, não”, pontuou Joana. “Ele alega que é por causa das crianças. Nós estávamos num apuro, queríamos pedir um empréstimo”, explicou dizendo

teriam como pagar alguém para cuidar das meninas. Deste modo, “as crianças teriam que me acompanhar na sala, na primeira série. E daí não tem condições mesmo. E ele fala também que o estudo aqui é muito fraco”. Endossando a opinião do parceiro, Joana finaliza relatando já ter assistido aulas no colégio e constatado o fato da professora não explicar muito, além de deixar as crianças estudarem por si mesmas a partir das lições do livro.

A amiga reforçou a visão de Joana explicitando que diante da falta de qualidade da educação e má conduta dos professores o ideal é estudar em Nova Alvorada do Sul. “Já viu professor tomar cachaça na porta da escola e ensinar coisa errada pra aluno? Aqui é assim. Com a cachorrada que está aqui, é melhor estudar na cidade”, destacou Marialva. Ao prosseguir em sua fala, ela contou que já sofreu violência do ex-marido, com quem foi casada por aproximadamente quatro anos, antes de morar no assentamento e no Bebedouro também. Disse estar bem agora, mas já tinha passado por situações muito difíceis de humilhações diárias e acabou se separando por causa do comportamento agressivo do esposo, da apropriação de recursos financeiros, objetos e da infidelidade:

“Graças a Deus estou bem agora. Eu separei dele por causa da violência e da safadeza também. Era muito ruim, porque eu acreditava nele e ele não respeitava a gente, nem os filhos. Se fosse bebida tinha a desculpa da bebida, mas ele não bebia. Eu estava aqui uma vez e ele foi pra Fátima [Fátima do Sul] e acabei descobrindo que ele tinha outra mulher lá. Aí eu não quis mais. Ele veio me bater umas três vezes. Mas eu peguei a faca e na última vez eu quase matei ele. Então ele nunca mais voltou. E eu fui ao Fórum dar parte. Ele nunca mais botou os pés aqui. Ele gastava o dinheiro, carregava comida, pegou coisa de dentro de casa, levava tudo pra outra. Meus filhos ficaram revoltados. Mas foi um favor que ela me fez, aquela mulher. Ele era muito

ruim. Ele nunca chegou e falou, toma esse dinheiro e compra um chinelo novo na cidade. Eu trabalhava na roça com ele, vendia roupa, ajudava. Hoje não acho certo a mulher trabalhar para ajudar o homem, não. Ele xingava muito, de biscate, vagabunda...” (Marialva, Fev. 2011).

A assentada acrescentou relatando que a atitude agressiva e a grosseria do marido não estavam relacionadas à bebida, portanto não havia a possibilidade dele utilizar o álcool como desculpa para justificar a violência e destacou que, além de ajudar a trabalhar a terra, sempre cumpriu com as responsabilidades domésticas. Após anos seguidos de maus tratos, Marialva decidiu romper a relação quando a suspeita de traição do esposo se confirmou. Ele mantinha um caso com uma mulher em outra cidade no interior do estado. Depois de superar a turbulenta fase do divórcio, a entrevistada não demonstra raiva da amante e sim gratidão pelo fato de hoje viver uma vida tranquila. “Foi uma benção quem levou ele para bem longe. Agora eu vivo outra vida. Minha vida antes era o inferno. Agora é o céu. Não tenho homem pra ficar me maltratando agora. Eu nunca dei motivo para ele me maltratar por causa da casa, da comida”, refletiu.

Para concluir a entrevista, perguntei se Marialva tinha conhecimento de casos semelhantes ao vivenciado por ela, isto é, de mulheres que passaram ou passam por situações de violência por parte do parceiro. “Aqui só tinha um que bebia e virava machão, batia na mulher, mas ele parou”, relatou. Depois se lembrou de outra história envolvendo uma moradora do local, mas, surpreendendo a pesquisadora, a entrevistada não se mostrou solidária por essa vítima, reproduzindo o velho discurso difundido na sociedade de que existem mulheres que gostam de apanhar, como exemplifica esse trecho: “Eu acho que ela gosta de apanhar. Eu não a defendo, não. Ele maltrata ela, bate nela. E depois é meu velho pra lá, meu amor pra cá. Então ela gosta”, finalizou.

De acordo com Saffioti (2005) nas organizações androcêntricas os limites para atuação feminina são estabelecidos por homens. Esse fato nem sempre ocorre forçosamente, aponta a autora, mas por meio de um tipo de poder não necessariamente físico, mas capaz de determinar o destino das pessoas. É esta qualidade de força que sustenta a escalada de agressões na relação de violência, fenômeno que geralmente inicia por agressões verbais, seguidas por violência física ou sexual e ameaças de morte podendo até mesmo resultar em homicídio.

Um caso relatado por uma assentada aponta para a tentativa de interrupção pelo agressor da própria vida e a dos filhos como forma de destruir a toda a família, perpetuando

a tortura da mulher que conviveria com fatídicas lembranças e provavelmente culpa. Estrela descreve o relacionamento de um casal do Bebedouro que convivia com discussões exaltadas e geralmente, terminavam com o espancamento da mulher.

“Teve um caso de violência contra a mulher o ano passado. Daí eles se mudaram daqui. Foram para Fátima do Sul, agora voltaram de novo. Que eu tive conhecimento foi só esse caso que ocorreu aqui. Eles brigaram e ele agrediu a mulher. Depois tentou se matar com as crianças, jogou o carro no poste com as crianças. Então foi aquele bafafã danado. Então não sei se ele ficou com vergonha, mas foi embora. E depois a mulher foi atrás” (Estrela, Fev. 2012).

Um dos mitos que rondam o tema da violência contra as mulheres é a opinião de que as mulheres “provocam” ou “gostam” de apanhar. No entanto, como bem aponta Soares (2005), as mulheres vítimas de violência doméstica e familiar tentam a todo o tempo se esquivar, resguardar os filhos e se proteger do autor das agressões, portanto, se continuam com os parceiros é para preservar a relação e não a violência.

Para essa autora, há vários motivos que levam as mulheres a continuarem numa relação violenta, entre eles: o medo da separação em decorrência das chantagens e ameaças de morte do parceiro; o risco de denunciá-lo e ele se tornar ainda mais violento; a vergonha de mostrar que seu casamento e projeto de vida fracassou; a esperança de que o marido melhore diante dos pedidos de perdão e promessas de mudança; o isolamento vivido pelas vítimas gerador de dificuldades para a busca por ajuda; o despreparo no atendimento de profissionais em muitas instituições, etc. Tudo isso ofusca o desejo da mulher em romper a relação.

Conforme já exposto, o cuidado para com os filhos e as atividades domésticas são responsabilidades atribuídas às mulheres no Bebedouro. Isso significa que quanto mais às mulheres se aproximarem do papel ideal a elas atribuído, serão mais valorizadas pelos homens e a coletividade da população feminina residente na localidade.

Na fala das entrevistadas é evidente o peso das imposições culturais naturalizadas pelas mulheres como obrigações inatas do feminino. Enquanto Joana nem ao menos cogita a possibilidade de deixar as filhas sob os cuidados do marido para poder se ausentar por um breve período para o estudo, Marialva deixou transparecer em seu depoimento que era uma ótima dona de casa, portanto, cumpridora dos compromissos femininos dos afazeres do lar e da família com zelo, além de ser companheira do marido no trabalho, motivos pelos quais

não merecia a traição, a depreciação, os distratos e outras formas de violências praticadas pelo esposo. No bojo da submissão naturalizada pelo aprendizado das convenções de gênero tradicionais, Marialva conseguiu abrir brechas e deslocar uma relação de poder, pois os elementos que impulsionaram a entrevistada a romper com o casamento estão diretamente vinculados a infração do papel “de marido” no domínio da conjugalidade, como quem deve sustentar, respeitar e amar a mulher e os filhos, cuja infidelidade constituiu o fator preponderante.

Sobre esse assunto as análises de Chartier (2005) revelam, conforme já assinalado nesse estudo, que as fissuras passíveis de corroer as artimanhas da dominação masculina nem sempre ocorrem de maneira dilaceradora, brusca ou pela irrupção de um discurso de repulsão, renúncia ou rejeição. “Elas nascem com frequência no interior do próprio consentimento, quando a incorporação da linguagem de dominação se encontra reempregada para marcar uma resistência” (p. 42).

As desigualdades de gênero estão diluídas no tecido social. São oriundas da concretude da vida material a partir das relações sociais e desde cedo introjetadas e (re)produzidas pelas mulheres e homens através dos mecanismos de socialização. Desse modo, constroem verdades, envernizam identidades, delineiam percepções e subjetividades, normatizam padrões de comportamento adequados e o próprio parâmetro de moralidade para cada sexo.

No cerne da moralidade construída para o sexo feminino no Bebedouro a vida doméstica ocupa lugar central. A ideia corrente é de existirem mulheres dignas, aquelas que são mães dedicadas, filhas comportadas, dóceis e prestativas, exímias donas de casa, trabalhadoras, companheiras, fiéis e obedientes aos maridos. Destoar de aspectos desse padrão para cada fase da vida das mulheres representa um ato de desvio das feminilidades dominantes no assentamento.

No depoimento de Carla é possível identificar esse esquema de pensamento. O não cumprimento das atividades domésticas, da limpeza da casa e do auxílio ao marido nas lides do sítio são considerados atos desqualificadores do feminino e, abrem brechas para a permissibilidade e aceitação da violência masculina. “Mas tem mulher que não tá nem aí, não cuida da casa, a casa parece um chiqueiro de porco e quando o marido chega cansado, ela dá uma de pode tudo. Então tem esse quadro aí, de mulher que merece apanhar”, pontuou.

As mulheres de valor são aquelas que complementam o masculino trabalhador na parceria do labor, sacrificando-se pela criação dos rebentos, na manutenção da casa arrumada e não medindo esforços para ajudar na sobrevivência da família, cultivando pomar no sítio, fazendo queijos, rapaduras e compotas de doces para venda. No entanto, essa concepção de parceria não é recíproca no concernente ao compartilhamento das tarefas taxadas de femininas. Do mesmo modo, nessa visão de complementaridade as mulheres tendem a ser apenas o complemento, como ilustra as históricas dificuldades de serem reconhecidas como trabalhadoras. O fenômeno da violência doméstica e familiar contra as mulheres no Bebedouro é uma face camuflada da realidade. A violência física é ocultada, a patrimonial, moral e a psicológica, nem sempre são vistas como violência, seja por falta de informações ou vivências rotineiras que levaram a normalização do problema.

Considerações finais

O desenvolvimento do trabalho trouxe à tona as estruturas de poder entre homens e mulheres no assentamento rural Bebedouro a partir da investigação do cenário sócio-cultural que envolve as inter-relações entre o consumo de bebidas alcoólicas por homens e a violência de gênero, de modo mais enfático, a doméstica e familiar contra as mulheres.

Apesar das práticas de violência contra as mulheres serem, em muitos casos, atribuídas ao uso do álcool pelo parceiro, esta forma de pensar é limitada por descartar características importantes da sociedade e cultura, bem como os processos de socialização de homens e mulheres e suas especificidades em diversas temporalidades e espacialidades. A literatura científica afirma que o consumo de drogas pelo ser humano é um fato tão ancestral quanto à própria história da espécie humana.

A utilização de uma variada gama de substâncias vegetais é perceptível na história das sociedades e nem sempre esteve relacionada a um problema, como acontece nas sociedades contemporâneas. A pesquisa questionou as concepções que naturalizam a violência praticada por homens sobre mulheres como resultado do uso dos psicoativos etílicos, um discurso enraizado no senso comum dos assentados e reproduzidos em quase a totalidade das entrevistas realizadas descartando a complexidade histórica do consumo do álcool e os valores que sustentam a dominação masculina.

No assentamento rural Bebedouro o consumo das bebidas alcoólicas é um hábito particular do masculino. As mulheres não frequentam os bares do assentamento e não

possuem o costume da ingestão de bebidas e nem do tabaco. Seu espaço de lazer é a Igreja evangélica presente no local. As famílias são pobres e elas cuidam da roça, dos afazeres da casa, do corte de lenha, cuidado dos animais no espaço do sítio, onde se situam as moradias.

Já para os homens o lugar de trabalho é a área societária onde a labuta foi pensada pelo governo para ser grupal e o espaço de lazer, reitera-se, são os bares, onde as bebidas possuem duas funções principais: 1) proporcionar prazer ou representar um consolo para a existência; 2) o poder de aflorar o machismo e o mal estar presente no ambiente, culminando, muitas vezes, em práticas de violência contra elas.

A violência é assim entendida como uma forma de reforçar o domínio masculino sobre o feminino ou mitigar a impotência masculina pela ótica do sentimento varonil e, desse modo, afirmar a onipotência em um espaço social marcado por normas gendradas que contribuem na manutenção das desigualdades de poder nas relações entre homens e mulheres. Os achados do estudo podem oferecer informações eficazes para elaboração de projetos educativos sobre drogas e de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra as mulheres neste assentamento de reforma agrária, bem como em outros do estado e país, em sua maioria, espaços distantes dos centros urbanos e das políticas públicas de defesa e promoção de direitos.

Referências

- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- BUCHER, R. Visão Histórica e Antropológica das Drogas. In: **Prevenção ao uso indevido de drogas** (Vol.1). Brasília. UNB, 1991, p. 17 – 29.
- CHARTIER, R. **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- COSTA, Alexandra Lopes da. **O tônico dos machos**: o uso de psicoativos no contexto das masculinidades e a violência de gênero no campo, Universidade Federal da Grande Dourados, 2012, 233 f.
- DARON, V. L. P. **Um grito lilás: cartografia da violência às mulheres do campo e da floresta**. Disponível no endereço eletrônico: <http://bit.ly/hzZF4p>. Consultado em: 10 Jan. 2011.
- GOFFMAN, E. **Estigma** - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Publicação original, 1988. Coletivo Sabotagem (digitalização), 2004.

Composição, Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. ISSN: 1983-3784. v 4, n 28 - jan-jun 2023. p.41-60. Doi: <https://doi.org/10.36066/compcs.v4i28.18683>

MACRAE, E.; SIMÕES, J. A. **Rodas de Fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MACRAE, E. **A subcultura da droga e prevenção**. Disponível em: www.neip.info/upd_blob/0000/12.pdf. Último acesso em: 10 set. 2010.

MINAYO, M. C. S; DESLANDES, S. F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. In: **Cadernos de Saúde Pública**, 14 (1): 35-42, jan-mar, 1998.

PRIORE, M. Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org) **Historiografia brasileira em perspectiva**, São Paulo; Contexto, 2003, p. 217 – 235.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1º ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil urgente).

_____ **Violência de Gênero: poder e impotência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SIMÕES, J. A. Prefácio. In: LABATE, B. C. et al (orgs). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008, p 13 - 21.

SOARES, B. M. **Enfrentando a Violência contra a Mulher**, Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

VELHO, G. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, A. (org.) **Drogas e cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 23 – 29.